



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

JUSSARA FRAGOSO DE MELO

**A HISTÓRIA DO UNIFORME ESCOLAR EM CAMPINA GRANDE - PB:
O CASO DO COLÉGIO ESTADUAL DA PRATA (1950 – 1970)**

CAMPINA GRANDE

2018

JUSSARA FRAGOSO DE MELO

**A HISTÓRIA DO UNIFORME ESCOLAR EM CAMPINA GRANDE – PB:
O CASO DO COLÉGIO ESTADUAL DA PRATA (1950 – 1970)**

Trabalho de Conclusão de Curso, de natureza Artigo científico, apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Dr. Flávio Carreiro de Santana

CAMPINA GRANDE

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M528h Melo, Jussara Fragoso de.
A história do uniforme escolar em Campina Grande - PB
[manuscrito] : O caso do Colégio Estadual da Prata / Jussara
Fragoso de Melo. - 2018.
28 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Flávio Carreiro de Santana ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Uniforme Escolar. 2. Vestimenta. 3. Historiografia. 4.
Cultura escolar.

21. ed. CDD 907.2

JUSSARA FRAGOS DE MELO

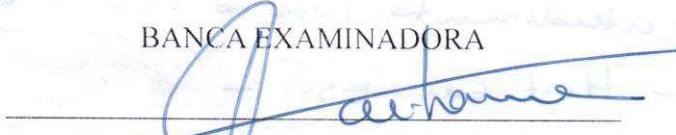
**HISTÓRIA DO UNIFORME ESCOLAR EM CAMPINA GRANDE – PB:
O CASO DO COLÉGIO ESTADUAL DA PRATA(1950 – 1970)**

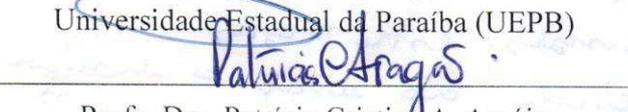
Trabalho de Conclusão de Curso, de natureza Artigo científico, apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Dr. Flávio Carreiro de Santana

Aprovada em: 18/06/2018

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Flávio Carreiro de Santana (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Dra. Patrícia Cristina A. Araújo

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Luiz Carlos dos Santos

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Mais uma etapa em minha vida se encerra deixando muita saudade das pessoas que tive o prazer de conhecer e hoje com muita alegria posso chamar de amigas. Todos os momentos dentro e fora da sala de aula foram de grande aprendizado intelectual e pessoal, que me fizeram um ser humano melhor ao final do curso.

A ti Deus, meu maior louvor e agradecimento, pois foi Ele com sua infinita bondade que me ajudou até aqui. Em todos os momentos difíceis nessa jornada ele me deu força e mostrou que nunca estou só. Para Ele e por Ele.

A minha mãe Ana Lucia, que me apoiou desde o início e acreditou no meu potencial quando eu não acreditava. Que desde o meu nascimento, sempre fez o impossível e abriu mão de muitas coisas para que eu sempre tivesse o melhor. A dona do meu coração e razão do meu viver, muito obrigada. Te amo, mainha.

Ao meu orientador Flávio Carreiro, muito obrigada pela sua infinita paciência e dedicação. Por abraçar essa ideia comigo e ser compreensivo quando precisei, por razões pessoais, adiar o TCC. Obrigada por ter sido um professor excelente em outras cadeiras do curso e não ter me deixado desistir de concluir esse trabalho. Deus te abençoe.

Por último, mas não menos importante, as pessoas lindas e especiais que o curso me deu de presente: minhas amigas.

Amanda, obrigada por sua amizade, pelas risadas, pelos dias que a gente compartilhava o mesmo sentimento de sono e só pensava nas férias e é claro por não abandonar as amigas mesmo mudando de curso, afinal, a gente precisa de alguém normal nesse grupo para ouvir nossas loucuras.

Cleane, obrigada pelas conversas bestas e serias, pelas palavras novas adicionadas ao “dicionário da Juh”, pelas viagens turstando ao invés de prestar atenção nas explicações, pelas madrugadas de sufoco fazendo os trabalhos. Por encontrar alguém que também gosta do universo das HQ's e fica viajando na maionese comigo.

Rafaela, obrigada por ser esse ser humano tão bom, pelos dias de companhia quando as meninas não iam pra aula, e a gente ficava no meio daqueles meninos. As conversas sempre boas, os seminários apresentados, a injeção de ânimo, as risadas, as fofocas em Pocinhos e tudo mais.

Sarah, obrigada que desde o primeiro dia de aula você me acolheu e continua acolhendo. Pelas palavras de forças, as conversas na sala e nos corredores. As famosas

plaquinhas e comidas com suas mãos talentosas, por sua excelente amizade e ter feito papel de mãe quando a gente não sabia resolver as coisas. E por ter nos dado a nossa sobrinha Maria, mais uma mulher para o nosso time.

Vanuza, obrigada por tudo. As cantorias afinadas nos corredores, as conversas de madrugada, a falação de besteira quando a fome batia, as risadas boas (e as vezes irônicas), os desabafos, os momentos esperando o ônibus, os choros e alegrias.

Enfim, meninas vocês foram e continuam sendo muito especiais na minha vida. Choramos, rimos, passamos por muitos sufocos, micos, muitas histórias durante esses cinco anos, que daria para fazer um TCC. Obrigada por me aturarem esse tempo todo. Amo vocês.

Termino com o coração cheio de gratidão por tudo que vivi, aprendi e conheci. Muito obrigada a todos que indiretamente e diretamente torceram e ajudaram na realização deste trabalho.

Deus abençoe!

SUMÁRIO

Introdução	6
CAPITULO I	
1. Uniforme Escolar no Brasil: Contextualização	7
1.1 Identidade e Controle	15
CAPITULO II	
2. Uniforme Escolar no Colégio Estadual da Prata	18
2.1 Festividades Escolares	20
Considerações Finais	24
Referências	
Bibliograficas	25
Virtuais	26
Documentais	26

MELO, Jussara Fragoso. **A HISTÓRIA DO UNIFORME ESCOLAR EM CAMPINA GRANDE – PB: O CASO DO COLÉGIO ESTADUAL DA PRATA (1950 – 1970).**

RESUMO

Este artigo analisa o uniforme escolar como instrumento para entender a cultura escolar, tais como os sentidos de disciplina e de padronização, as suas práticas e representações. Este vestuário escolar, no seu surgimento, parecia mais com roupas militares do que das atuais concepções de moda escolar, e com o tempo, à medida que os acontecimentos históricos mudavam, essa vestimenta ganhou novos moldes e significados, o que nos ajudam até os dias de hoje a entender o universo escolar e como o alunado interpreta essa vestimenta. No Colégio Estadual é analisado as formas de disciplinarização, que são percebidas não só no uso do uniforme, como também na figura do inspetor que fiscalizava alunos e professores; e nas festividades escolares.

Palavras-chaves: Uniforme escolar; Disciplina; Vestimenta.

INTRODUÇÃO

Dentre os itens que compõe a materialidade, o uniforme ainda é pouco estudado, mas tem muito a dizer sobre esse universo escolar. Nos materiais de pesquisa para a produção deste artigo, e muito também da inquietação que me surgiu, descobri os diversos significados, códigos e sentidos que o uniforme assume a partir do momento em que é colocado como roupa padrão de uma instituição.

Após a institucionalização da educação houve a necessidade de caracterizar os estudantes com uma roupa que os identificassem como pertencentes àquela instituição. Quando o uniforme é criado com a intenção de identificar a escola e trazer segurança aos alunos, não se pensava que com o tempo ele adquiriria tantos significados. O Governo queria mesmo que visualmente nivelar os alunos onde as diferenças de classe, econômica e de raça ficassem imperceptíveis.

Mas essa uniformização sem distinção das diferenças acarretou no controle e disciplinarização dos corpos dos alunos. Desse momento em diante, os alunos passam a assumir uma identidade escolar carregada de valores e tradição e deixam suas identidades pessoais do lado de fora dos portões.

No decorrer deste artigo busco identificar quais são essas várias configurações que o uniforme se encaixa, e situar brevemente seus significados no tempo histórico que o Brasil estava em 1950 até 1970. Analisando as transformações que esta vestimenta adquiriu ao longo do tempo, qual sua influência na vida particular do aluno e como a mesma vira instrumento de manutenção do poder escolar e político.

No entanto, temos como recorte de estudo o Colégio Estadual Dr. Elpídio de Almeida, o Estadual da Prata na cidade de Campina Grande, Paraíba. O uniforme é analisado tendo como base o mesmo significado de disciplinarização, só que situado no tempo e espaço da Ditadura Militar vigente na época.

Por fim, fica o questionamento se o uniforme escolar é interpretado pelos alunos como instrumento de disciplina ou se não era perceptível essa configuração. O que fica claro ao fim desta pesquisa, é que ainda precisa-se de mais estudo e documentos que aprofundem o assunto.

CAPITULO I

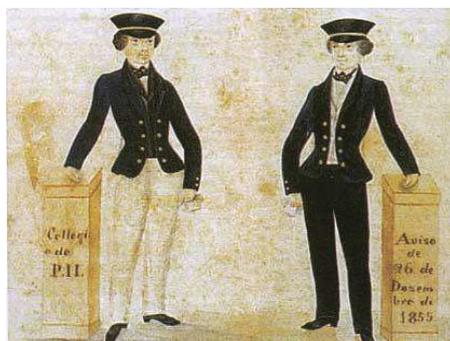
1. O uniforme escolar no Brasil: uma breve contextualização.

(...) tradicional ou moderno, mais colorido ou mais elegante, mais estruturado ou mais confortável, com cores mais neutras ou mais vibrantes, enfim, pelo estilo do uniforme escolar, podemos ter uma idéia das culturas escolares que perpassaram a história do seu uso. (MARCON, 2010, p. 21)

Dentre todos os objetos que compõe a materialidade da cultura escolar, o uniforme é um dos mais marcantes e importantes que tem sido pouco pesquisado. O seu uso possui grande significado para entender a padronização, disciplina e identidade dos alunos e da escola.

Em 1850 foi instituído no Rio de Janeiro o primeiro uniforme no Colégio Pedro II, por se tratar de um colégio construído a mando do Império, esses uniformes tinham características de um padrão militar. A partir desse momento outras escolas começaram

a implantar o uniforme para que os alunos ficassem padronizados e as diferenças de classe, etnia, comportamento não fossem tão visíveis. Usar essa vestimenta tinha grande significado: honra, tradição, disciplina, postura diante da sociedade, regras, valores e principalmente se a escola tinha um bom ensino ou não.



(Imagem 1) Colégio Pedro II, 1855.

De início, a padronização desses uniformes deixou visualmente de lado a separação entre ricos e pobres, mesmo que por trás existissem as diferenças. Existiam as escolas destinadas as crianças de classe alta e que tinham condições de pagar por um (ou mais de um) uniforme feito com tecidos melhores, tinham aulas de educação domestica, as mães podiam pagar costureiras pra fazer o uniforme. Vale salientar a influência do universo da moda europeia nos fardamentos. Já quem era pobre não tinha essas “regalias”, pois muitos só podiam fazer um uniforme.

No começo em que as escolas estabeleceram os uniformes como a roupa padrão, não existia ainda a escola publica. Então essas diferenças de classes eram vistas dentro das escolas particulares, pois os alunos mais pobres (e dito “mal vestidos”) muitas vezes abandonavam os estudos por se sentirem envergonhados e excluídos quando viam outros uniformes tão bem feitos.

Em meados do século XIX, a escola publica vai se formando e nos anos de 1920, grupos menos favorecidos começam a ingressar nas escolas através do movimento intitulado Escola Nova, que se preocupava em apoiar uma escola pública gratuita e consciente dos problemas na educação e a uniformização de todos. É após a crise econômica de 1929 que o governo publica normas no “Uniforme Escolar - Distrito Federal”, de como deveriam ser feitas às vestimentas das escolas publicas.

A moda europeia ganha espaço dentro das produções de uniforme, justamente porque as famílias ricas podiam viajar ou ter acesso as revistas que falavam das ultimas

tendências em tecidos, cores, estampas, cumprimento da roupa, etc. Mas mesmo a moda estando presente, não havia distinção entre o vestuário feminino e masculino: todos vestiam o mesmo modelo com cores sóbrias (azul, branco, cinza) e que não revelavam quase nada da pele. Como fala as autoras Silva e Catani:

No interior do espaço escolar, os uniformes tentavam regular a manifestação das diferenças individuais e a expressão da moda, mas muitas vezes também eram como a moda, inacessíveis do ponto de vista econômico. Sem os uniformes escolares, certamente, as diferenças sócio-econômicas ficam mais nítidas e a origem social fica mais evidente. (SILVA; CATANI, 2016, p.705)

Todos os fardamentos tinham o emblema da escola, caracterizando, assim, o aluno a uma instituição a que pertencia, dando maior distinção e segurança. Acredita-se que, quando o aluno vestia esse fardamento, incorporava o papel de representar a tradição da escola e ter uma postura respeitosa onde quer que fosse.

A partir desse momento o aluno assume a postura de um bom comportamento, mostrando que estudava em uma boa escola, de um aluno responsável e que respeita a instituição, os professores e suas normas. É através também da postura disciplinar que um aluno assume fora dos portões da escola, que a sociedade “rotula” se uma escola tem boa reputação ou não. Ter disciplina exige obedecer a regras e códigos instituídos por outras pessoas e que, muitas vezes, não são do agrado de todos. Em se tratando da vestimenta escolar, essas regras tem muito haver com o controle dos corpos dos alunos e de suas individualidades que são deixadas de lado para elevar todos a um nível de igualdade.

Sobre a condição de disciplina, afirma Lonza:

[...] condição *sine que non* que o aluno começasse a se engajar no contexto social através da aceitação de imposições regulamentares, para que se acostumassem desde logo a obedecer às regras de convívio na sociedade. (LONZA, 2005, p. 22)

No entanto, o significado de disciplina não é o único que deve ser atribuído. Quando os alunos vestem esses uniformes, eles afirmam que pertencem a um grupo que criam laços e que podem perpetuar até fora da escola. Não importando a organização estética, a padronização e o controle da escola sob esses alunos, eles encontram nesses grupos

pessoas que compartilham dos mesmos gostos, pensamentos e até “burlam” as regras da escola para trazer ao seu uniforme uma identidade mais pessoal.

Mesmo com todas as regras, ao longo da história do uniforme podemos perceber que os alunos inseriam objetos e adereços que eram usados fora da escola ao uso diário dessa vestimenta, para que sua identidade ficasse marcada e, assim, ressignificar a sua função: algumas meninas levantavam um pouco as saias para ficar no comprimento do que estava na moda; usavam adereços no cabelo; os materiais escolares eram diferentes; casacos e coletes usados em esportes eram deslocados para o uso formal na escola; entre outras burlas.

Assim, vemos os jovens buscando a diferenciação da vestimenta através da transformação do uniforme – eles não querem ser iguais a todos - agem coletivamente no sentido da transformação de uma coletividade restrita, ou seja, seu próprio grupo. (SCHEMES; SILVA; ARAÚJO, 2013, p. 56)

É nos grupos criados nas escolas que os jovens encontram pessoas que tem a mesma necessidade de construir uma identidade particular através do uniforme.

Como o uso do fardamento escolar começa a popularizar-se, a fiscalização na entrada das escolas aumentou: era verificado se todos estavam devidamente vestidos com os sapatos e cores de meias corretas, se o comprimento das saias ou vestidos das meninas estava correto, se o uniforme estava sujo ou faltando alguma peça, entre outras fiscalizações. Caso houvesse o descumprimento de alguma regra, o aluno voltaria para casa ou teria que trazer os pais para dar explicações.

Não se pode esquecer que dentro dessa fiscalização cabia também o discurso higienista, onde haveria uma limpeza interna e externa. Interna no sentido de que os alunos deveriam ter saúde, procurar um médico se ficassem doente, alimentar-se bem, cuidar dos dentes, no geral serem saudáveis. E externa porque os uniformes deveriam estar sempre limpos e bem passados, sem manchas ou rasgões e os alunos sempre limpos e bem penteados e calçados.

Baseada nesse discurso higienista, a escola podia utilizar o uniforme como manutenção de poder sobre o corpo do aluno tornando-os adequados a idéia de preservação da saúde, do pudor e da disciplina. Cabia a escola não permitir que os uniformes fossem feitos inspirados em padrões da moda, até porque o modernismo não

encaixava em uma sociedade que pregava tanto a moral; os modos de vestir e de se comportar pretendiam tornar todos semelhantes e em ordem, mas no fundo deixava excluídas desigualdades de gênero, sociais e culturais.

Se considerarmos o uniforme como parte das infinitas materialidades da escola, estamos colocando ele como parte principal de análise da cultura escolar. Baseando-se em tudo que já foi dito até o momento sobre os significados do uniforme, podemos dizer que o mesmo conta através do tempo a cultura não só da escola como de uma sociedade e seus costumes; o vestuário mostra muito das mudanças que ocorreram ao longo do tempo e até como uma sociedade se comportava. O uniforme como objeto de estudo, fala muito sobre as tradições, os modos de pensar, sobre a memória coletiva e individual e também a representação da identidade.

Nesse ponto cabe a variante de que a escola é detentora das normas, do conhecimento e das condutas/comportamentos que vão ser repassados aos alunos como parte da cultura escolar. Com isso, Dominique Julia explica o que seria a Cultura Escolar:

A cultura escolar é descrita como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos. (JULIA, 2001, p.9)

Tudo que faz parte da escola é sua cultura, o que não foi tão estudado por não ser considerado importante, como o mobiliário da escola, os livros-didáticos, os uniformes, o local onde a escola foi construída, as cadeiras, a lousa, o professor, tudo que faz parte da materialidade são fontes importantes para estudar e entender a cultura escolar. Vale lembrar que os conceitos e tudo que isso representa muda de acordo com a mudança dos anos, assim como acrescenta Julia: “A cultura escolar é efetivamente uma cultura conforme, e seria necessário definir, a cada período, os limites que traçam a fronteira do possível e do impossível”. (Ibid., p. 32)

Neste campo do vestuário como um todo, permeiam muitos significados e sentidos que precisam ser mais estudados. No uniforme implicitamente está contido códigos e condutas da escola, dos alunos, políticos e sociais que ditam muito como esse vestuário é produzido até os dias de hoje. Se pensarmos bem, desde o início as cores presentes em alguns uniformes podem significar o patriotismo, não necessariamente que os alunos ou a escola fossem patriotas, mas o governo como demarcador das regras exigia essa

demonstração de “amor a pátria”. A disciplina, padronização e controle que o uso do uniforme trazia também pode ser visto como manutenção do poder do governo, para adequar os alunos a uma sociedade democrática, limpa, organizada e que respeita regras, valores e a moral.

Tanto a moda, como a economia, a política e a educação influenciaram (e influenciam) as transformações destas vestimentas escolares, o que se comprova, principalmente, em períodos de guerras e ditadura no país. (COSTA, 2014, p. 22)

Sobre essas diferentes linguagens e significados que o uniforme transmite não se pode deixar de lado o fato de que as ideologias dos alunos não podiam ser expressas, já que usando o uniforme esses indivíduos assumem outra postura e carregam em seu corpo a tradição e os valores da escola, e como dito na citação a cima, até as mudanças que ocorrem no tempo.

A linguagem do vestuário não permite apenas que sejam transmitidos certos símbolos, mas também que sejam identificadas por meio dela posições ideológicas, segundo os significados transmitidos e as formas que foram escolhidas para os transmitir. (SILVA; CATANI, 2016, p. 711)

Também como aponta Umberto Eco: “A linguagem do vestuário serve para identificar posições ideológicas, em conformidade com os significados que se propõe em transmitir, bem como as maneiras e os meios escolhidos para transmiti-los”. (ECO, 1989, p. 17)

Quando falamos no vestuário escolar não podemos esquecer das festividades escolares que incluem os desfiles cívicos, onde o uso do uniforme ainda é muito presente, fazendo parte do adereço da festa e símbolo do patriotismo e nacionalismo que a sociedade deveria exercer. Durante essas comemorações, a população contribuía para a construção dos valores e crenças sociais e sem que percebessem a influência política estava em movimento.

Nesse meio comemorativo, as crianças e jovens são os principais personagens das práticas de controle social que o governo queria implantar, ou seja, era a construção de uma rede que educava o povo para união, ordem, democracia, virtude e disciplina, tudo que um bom cidadão deveria ser. Nessa perspectiva, o uniforme escolar colocava os alunos em um padrão que desde pequenos já aprendiam a obedecer a regras e ter um

bom comportamento, assim quando esses sujeitos crescessem já teriam formado dentro de si um sentimento de amor a pátria e de respeito a hierarquia social.

No Brasil, as escolas não desfilavam apenas nas ruas. Em outras datas cívicas importantes os professores sempre faziam uma programação para que os alunos sempre lembrassem da importância que tinha o seu país. Nessas comemorações internas as escolas reuniam seus alunos para cantar o hino da bandeira e exaltar todos os símbolos pátrios, ainda com o acréscimo de que em algumas escolas existia o próprio hino da instituição.

Não menos importante do que todos os eventos, as cores dos uniformes e os modelos mudavam nessas datas. As cores azul, branco, verde representavam a bandeira e todo sentimento nacionalista. Esses uniformes diferiam dos usados diariamente, não só pelas cores, mas o modelo era mais chique, com mais detalhes, um bom tecido e uma boa costura, roupas muito bem passadas e limpas, calçados bem lustrados e meias de acordo com o padrão; mesmo tendo essa diferenciação o controle e fiscalização permanecia os mesmo dos dias normais, velar o corpo para não mostrar demais, o comprimento das saias, a forma como os cabelos eram arrumados, a postura, ou seja, tudo ainda continuava sendo monitorado pela escola.

Eram nesses festejos públicos cívicos que o governo combinava tradições militares com práticas escolares, levando os estudantes a marchar em ordem e enfileirados como se fizessem parte do exercito e ainda carregando faixas, a bandeira, flâmulas e tocando na banda marcial. Todas essas atitudes durante os desfiles e internamente nas escolas, fortaleciam a identidade do país.

Com o tempo, as transformações sociais, econômicas, históricas e da moda, modificam também o uniforme. Os jovens começam a buscar inspirações em outros países e precisam que suas vontades sejam expressas. Por outro lado, observa-se a necessidade de trazer mais conforto ao uniforme e a aderir peças que são usadas no cotidiano fora da escola.

Porém, com as mudanças no modo de vestir, em 1930 Getúlio Vargas através da reconstrução na educação, democratizou o ensino e fez a homogeneização do fardamento escolar. Agora não seria possível observar mais a distinção de classe entre os alunos, e mesmo para aqueles que não eram mais pobres, o governo fornecia o uniforme. Os professores de todas as escolas teriam que ver seus alunos numa coletividade e não por separação. As mudanças não aconteciam só no Brasil, os modos de vestir no mundo estavam mudando muito influenciados pela industria da moda, e

deve se considerar que o uniforme era uma mercadoria e que desde a sua aparição recebeu traços do que estava em alta nos países à fora.

Conforme explica Lonza, o uniforme nesse momento:

[...] o uniforme realça uma nova noção de igualdade e identidade, fazendo com que os adultos e educadores percebessem os alunos de uma forma diferente, não ligada à hierarquia sócio-cultural e obrigando-os a ver os indivíduos numa coletividade. (LONZA, 2005, p. 04-05)

A partir da década de 1950 as mudanças ocorrem com mais intensidade e os uniformes ganham novos modelos e peças. É nesse mesmo momento que surge o Rock¹ e os uniformes usados antes só na escola ganham espaço nos palcos. Já nos anos 1960 o Brasil passa por um grande marco na história política e que acabou por trazer mudanças também no âmbito escolar. Período de Ditadura civil-militar e privação da liberdade, os jovens vão às ruas exigirem seus direitos, protestar, ir contra um governo opressor e sociedade. Nesse mesmo tempo movimentos feitos pelos jovens também começam a surgir, por exemplo, a contracultura que pedia por mudanças no comportamento. Isso resultou em mudanças também no uniforme porque os jovens não queriam mais o controle dos seus corpos e comportamentos.



(Imagem 2) Colégio Pedro II em 1960.

Desse momento em diante, nos anos 1970 e 1980 as mudanças são mais radicais e algumas escolas passam a aderir ao agasalho esportivo que antes era usado só fora da escola, e a bermudas, os shorts, as camisetas de malha, os tênis e a calça jeans começam a aparecer por causa dos filmes norte-americanos (lembrando que existiam várias

¹ O rock and roll é um estilo musical que surgiu nos Estados Unidos no final dos anos 1940 e início dos anos 1950, com raízes nos estilos musicais norte-americanos, como: country, blues, R&B e gospel, e que rapidamente se espalhou para o resto do mundo.

lavagens e o tecido jeans destroyed que surge no final dos anos 1970, ganhando força entre os jovens). Os jovens queriam uma vestimenta mais confortável e com cores diferentes, por isso misturavam camisetas com cores que fugiam do azul, cinza e branco ao figurino da escola. As meninas subiam suas saias para encurtar mais e ficar na moda.

Portanto, podemos dizer que os jovens a cada nova década que passava buscavam afirmar-se através das práticas subversivas – aderirem a modelos de roupa da moda e customizar uniformes – impressos em suas vestimentas escolares.



(Imagem 3) Colégio Santa Dorotéia, década de 80.

Essas mudanças provocaram discussões sobre identidade de gênero, pois até então os uniformes escolares padronizavam o que meninas e meninos vestiam, mas os jovens começaram a exigir que mudanças no vestuário escolar fossem feitas para que ambos os sexos vestissem o que quisessem e o que tivessem semelhanças para ambos.

Se olharmos por outro ângulo, já que os uniformes escolares nunca deixaram de ser usados, tais mudanças em pequenos detalhes no fardamento aconteciam pela transformação na sociedade, na moda e na evolução dos tempos, e só garantiram que seu uso pelos alunos continuasse. A história do uniforme reflete a mudança de tempo, dos costumes e da cultura que a sociedade passa, como também faz parte do cotidiano da escola e da vida do aluno, mas que precisa de mais pesquisas para que seus códigos e sentidos sejam revelados.

1.1 Identidade, controle (?)

O vestuário, sendo uma das formas mais visíveis de consumo, desempenha um papel da maior importância na construção social da identidade. A escolha do vestuário propicia um excelente campo para estudar como as pessoas interpretam determinada forma de cultura para seu próprio uso, forma essa que inclui normas rigorosas sobre a aparência que se considera apropriada num determinado período, bem como uma variedade de alternativas

extraordinariamente ricas. Sendo uma das mais evidentes marcas de status social e de gênero – útil, portanto, para manter ou subverter barreiras simbólicas - o vestuário constitui uma indicação de como as pessoas, em diferentes épocas, vêem sua posição nas estruturas sociais e negociam as fronteiras de status. (CRANE, 2006, p. 21)

O uniforme escolar, como já foi dito, permite vários significados e com o tempo esses conceitos podem mudar. Mas a questão principal que fica é como os alunos vêem o uso do uniforme e de quem é essa identidade expressa na vestimenta, quem ela representa e o que ela controla?

Identidade se define por aquilo que representa um indivíduo na sua aparência, gosto, crenças, ideologias, sentimentos, etc. Quando o uniforme escolar foi implantado com a intenção de igualar, a identidade individual foi deixada de lado para que as diferenças sociais não fossem notadas, só que para além da igualdade os alunos passaram a representar a escola através do uniforme.

Percebe-se que através dos uniformes a escola buscava construir sua própria identidade e colocar sobre os alunos valores de uma sociedade civilizatória, e como já foi dito, quando esses alunos saíam da escola carregavam a tradição e o nível de qualidade daquela instituição. Como diz Lonza, o aluno divulgava na roupa o valor que aquela escola tinha a partir do que acontecia fora da escola.

(...) os uniformes são roupas especiais que têm diversas funções, além de envolver desde fatores relacionados à segurança e proteção do usuário, também a personalização e identificação, além de ser um recurso de identidade visual ou recurso publicitário, que torna um meio de divulgação da marca. Sua elaboração está diretamente ligada à área do design de moda, no que diz respeito ao aspecto estético-formal e estilo. (LONZA, 2005, p. 21)

Não existia a busca pela identidade do ser individual, não se priorizava a vida fora da escola, é como se fossem caminhos opostos que não podiam se cruzar para que não ocorresse desordem. Só com o tempo através do pertencimento a um grupo é que as identidades pessoais foram notadas. Assim:

O conceito de identidade enfatiza a busca do ser individual destacado do conjunto, uma vez que essa busca pressupõe a comparação com o outro. A definição da identidade, nessa concepção, prioriza a diferença, pois a sua

construção se dá a partir de uma definição da relação de algo exterior ao sujeito, contrapondo-se ao outro, de forma a definir o que realmente é. (ORTIZ, 1994, p.08 apud COSTA, 2014, p. 18)

Os anos passaram e foi inevitável que as mudanças ocorressem muito pela influência da moda e como o Brasil se movimentava politicamente e economicamente. Assim como os tecidos e modelos dos uniformes mudaram, os alunos começaram a colocar em suas vestimentas acessórios e adereços que vinham do “mundo externo” para que assim pudessem definir sua identidade.

A identidade de cada aluno não podia mais ser ofuscada, mesmo que ainda existisse um ensino que continuaria uniformizando a todos. Então os estudantes aprenderam a burlar as normas da escola para colocar em vigor suas ideologias, esses caminhos entre o privado e o escolar aos poucos se juntaram, e até nos materiais escolares podiam ser vistas as identidades de cada aluno. Acredito que parte dessa mudança teve ajuda dos grupos que iam se formando a medida que os alunos conheciam pessoas que compartilhavam dos mesmos gostos e desafiavam as regras, foram pequenos detalhes que fizeram a diferença.

Mesmo que desde cedo os jovens fossem incorporados as noções e normalizações de poder, muito da “liberdade” que temos hoje nos uniformes foi graças a mudança do tempo e de jovens que souberam reafirmar sua identidade.

Quando se fala em controle devemos pensar no sentido de que o uso do uniforme pode ser considerado também uma necessidade de "velar" o corpo e moralizar o aluno (a), ou seja, o modo de vestir precisava estar adequado as normas instituídas não só pela escola como pelo governo. Quando se controla/prende um corpo a um espaço ou roupa em que não se pode mostrar o que a pessoa de fato é e o que quer fazer, o individuo é condicionado a seguir o que os outros dizem e é privado do ser.

Entende-se, portanto que:

Podemos avaliar a operacionalidade dos uniformes como uma das tarefas tomadas e aplicadas pela escola sobre o corpo dos/as estudantes. Regulá-los e torná-los simétricos, esguios, educados, comportados, adequados, acomodados, disciplinados, prontos para o trabalho, revigorados, entre outros exemplos, alguns dos princípios aplicados ao funcionamento, ao vigor e à eficácia dos corpos. (BECK, 2014, p. 145)

Permeiam muitas questões relacionadas ao corpo, então quando existem códigos que estabelecem como se deve andar, comportar, escrever, vestir, sentar, ficar em silêncio, falar, entre outros, indica a intenção de uma educação corporal. Os uniformes justamente por se tratarem de uma vestimenta que tem como função a disciplinarização e a manutenção dos valores de uma instituição, estabelecem uma rede articulada de saberes e regras que ensinam como devemos lidar com o corpo.

CAPITULO II

2. Uniforme escolar em Campina Grande: o caso do Colégio Estadual da Prata

Após a vitória de Getúlio Vargas em 1930 ao cargo da presidência, foi criada a homogeneização do ensino através do Ministério da Educação. Nessa época em todo o Brasil existiam grandes escolas voltadas para o ensino secundário. Foi então que em 1946 foram promulgadas as “Leis Orgânicas de Ensino” que tinha como objetivo a transformação de todos os níveis da educação secundária e a implementação de outras escolas em todo o país.

Na Paraíba existiam três grandes escolas secundaristas, mas que não agüentaram a grande demanda de novos alunos e por essa razão e também obedecendo a lei. O Governador do Estado Osvaldo Trigueiro iniciou a construção do Colégio Estadual. Por ser uma construção muito grande só teve sua inauguração em 1953 com o novo Governador José Américo de Almeida.

Os anos escolhidos para recorte histórico na produção deste trabalho (1950-1970) coincidem com a Ditadura Militar no país. Esse período de grande conflito atingiu todos os estados brasileiros, e no que se refere a instituição escolar, os ideais ditatórias de disciplinarização, ordem e progresso atingiram a escola com grande impacto.

Como já foi muito falado nos tópicos acima sobre os significados e sentidos do uniforme escolar, irei dar continuidade baseando-se nesses mesmos pontos para mostrar como em Campina Grande esse vestuário não perdeu o seu significado.

Desde o início da década de 1950, todos os jovens que estudavam no Colégio Estadual deveriam ter cuidado com o seu uniforme mantendo sempre limpo e bem passado, até porque o sentido de representar a escola através do uniforme estava bem presente. Como em todas as outras escolas do Brasil, usar essa vestimenta tinha grande significado: honra, tradição, disciplina, postura diante da sociedade, identidade estudantil e escolar, regras, valores, manutenção da ordem e controle dos corpos.

No Colégio Estadual o fardamento era composto para os meninos: uma calça comprida na cor cáqui com listras verdes nas laterais das pernas, camisa branca de mangas compridas, com meia, cinto e sapatos pretos. Já as meninas vestiam uma saia cáqui com listras verdes ao redor da barra da saia, blusa e meias brancas e sapato preto.

O uniforme precisava estar impecável, com camisas ensacadas e bem passadas e meias esticadas.

Assim como em outros colégios a imagem do uniforme assume várias configurações, e como estávamos vivendo um período de ditadura a disciplina e ordem deveria ser aceita ou, caso contrário, se houvesse pelo menos a suspeita de algum ato subversivo, o indivíduo poderia sofrer alguma punição. Era obrigação de o aluno cumprir o fardamento, ou seja, só entrava na escola para assistir aula se estivesse com o fardamento completo, qualquer coisa que não se encaixe nesse modelo era considerado fora das normas.

Entretanto, onde existe regra, existe também a burlar dessas mesmas regras. As meninas tinham o costume de enrolar as meias para ficar no estilo soquete, mas quando chegavam próximo a escola tinham que subi-las até o joelho. Os meninos não podiam usar o cabelo da moda, sempre deveriam manter eles cortados e bem penteados com brilhantina (uma pomada com a textura de gel de cabelo).

É nesse período, entre 1968 e 1970, com a vigência ainda do Governo Militar, que se promulgam dezessete Atos Institucionais, vindo a dificultar ainda mais a vida das pessoas. É a partir do AI-5 que todos os colégios do país passam a ser vigiados e fiscalizados com mais vigor para coibir qualquer ato considerado subversivo. O medo que as pessoas sentiam, evidencia-se ainda mais no cotidiano escolar e social depois desses novos atos.

Não bastando essas novas regras ditatoriais, o diretor do Estadual Juracy Palhano implantou medidas que vieram só acrescentar ao sentido de disciplina, essas medidas também foram publicadas no Diário da Borborema, as proibições eram: não podia fumar nas dependências internas da escola, não podia usar a farda fora da escola em qualquer espaço de divertimento e por ultimo os meninos não podiam adentrar a escola com o cabelo no estilo dos cantores do Beatles.

Com os Atos Institucionais, o Colégio Estadual da Prata colocou um inspetor/fiscalizador para monitorar os alunos e todo o movimento da escola. Assim que os estudantes chegavam, eram levados ao pátio em completo silêncio para que o inspetor passasse de fila em fila olhando os uniformes, e, antes que entrassem na sala, era dada mais uma conferida se estava tudo completo no fardamento, pois, caso faltasse alguma peça, o aluno voltava para casa. Os professores também eram fiscalizados, o inspetor passava pelos corredores para olhar se o professor chegava atrasado ou se

estava ministrando a aula. Então, todos viviam em constante vigilância em nome da disciplina, ordem, controle, postura e regras.



(Imagem 4) Acervo do Colégio Estadual da Prata



(Imagem 5) Alunas do Estadual da Prata em 1974

2.1 As festividades Escolares

As festividades escolares marcam uma contribuição para ampliação da cultura escolar e por muitas vezes a exaltação ou homenagem a autoridades importantes da cidade, ou personagens que são marcos na historia do Brasil. Essas comemorações não são feitas só no âmbito interno da escola, por exemplo, em datas comemorativas como o 7 de setembro as escolas se reúnem nas ruas para um desfile cívico. Datas importantes

como essa, servem para lembrar o sentimento de patriotismo que os jovens são ensinados desde cedo a ter pelo seu país.

No Colégio Estadual da Prata as datas comemorativas começam uma semana antes do dia principal, isto é, são sete dias com programações voltadas para a data comemorada, esse processo envolve todo o corpo docente e discente, os pais, autoridades políticas e às vezes é aberto aos jornais da cidade. Essa semana também tinha o intuito de criar uma identidade nacional nos alunos e familiares e apresentar a sociedade o que a escola tinha de melhor.

Dentre estes festejos estava a comemoração do dia do Soldado; a semana das Nações Unidas, onde os alunos faziam trabalhos em apoio a paz mundial; a inauguração da escola Estadual; o 7 de setembro; o dia da bandeira; entre outras datas. Um momento importante acontecia todos os dias durante essa semana, antes que os festejos começassem, os alunos eram colocados no pátio em filas muito retas para cantar o hino nacional e cultuar a bandeira. Mais um símbolo de patriotismo.

Antes de falar sobre o desfile cívico, é válido ressaltar que:

As festas para diferentes sociedades no decorrer da história da humanidade, como por exemplo, nas sociedades primitivas [...] foram momentos dedicados exclusivamente à manifestação da felicidade coletiva por algum acontecimento humano (nascimentos, mortes, aniversários) ou da natureza [...]. No caso das sociedades republicanas, a festa, principalmente a cívica, representou um momento para a reconstrução do imaginário político e social dos cidadãos, com o principal objetivo de disseminar os valores associados ao novo regime, celebrar a conquista do governo pelo povo, o nascimento, “florescimento” de um novo período. (CANDIDO, 2007, p. 13 apud SILVA, 2014, p. 153)

Essa citação expõe bem o desejo e intenção que as autoridades políticas militares tinham com o desfile. Era um momento importante para disseminar a idéia de que o Brasil estava em progresso e ordem, idéia essa que vinha dos meios da ditadura que estava vigente na época. Era de grande valor inculcar na mente das pessoas que uma sociedade com corpos controlados e sãos é o correto, e nada mais belo do que jovens distribuindo alegria pelas ruas e mostrando confiança no futuro do país, para fixar essa propaganda patriótica.

Os ideais ficam ainda mais visíveis na forma como o desfile era organizado, a semana de festividade na cidade de Campina Grande começava com o hasteamento do Pavilhão Nacional feito por militares na presença do prefeito e da banda marcial. Seguiam-se os dias com palestra do Presidente da Câmara Municipal publicamente e outras autoridades e palestras também na TV Borborema, com temas relacionados ao dever cívico do povo. A semana da Pátria tinha por objetivo florescer o amor à pátria e motivar a comunidade a participar das solenidades da Independência.

No fim da semana acontecia o desfile, que reunia todo o alunado de escolas particulares e públicas. Iniciava-se com o pelotão da polícia e depois os pelotões das escolas. O colégio estadual se organizava da seguinte forma: 3 pelotões com 120 alunos, banda marcial, porta-bandeira, e os alunos que vinham exibido os troféus que ganharam em jogos durante o ano. Após a passagem de todas as escolas, era a vez dos ex-combatentes e por último a Quinta Cia. de Infantaria.

No Diário da Borborema, semanas antes do acontecimento já era noticiado toda a programação e os dias subsequentes repercutiam o assunto. Um detalhe interessante, é que mesmo movidos pela pátria, as escolas públicas aproveitavam para mostrar o seu melhor, o que passaram dias produzindo para as escolas particulares, com a intenção mesmo de dizer que era uma escola boa, de honra e respeito.

Abaixo seguem imagens que mostram o desfile cívico.



(Imagem 6)



(Imagem 7)

Como podemos observar através das imagens, nesses desfiles os alunos ficavam milimetricamente alinhados em filas e separados homens de mulheres. Com fardas impecáveis e cabelos sempre bem penteados. É interessante notar pelo movimento dos braços, que esses jovens andavam como se marchassem, com uma postura reta de corpo que se assemelha muito a postura militar.

Nesse espaço de sociabilidade, observa-se a quantidade de pessoas que iam prestigiar o desfile e como os traços da ditadura estavam bem presentes, seja na forma como os estudantes se organizavam para desfilar ou como as pessoas aproveitavam para demonstrar seu amor e respeito a Pátria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos tempos passados percebemos como a sociedade prezava pela moralidade e a disciplina das coisas. A escola era responsável por ensinar os estudantes desde cedo a obedecer regras, usando o uniforme como instrumento. O que se aprendia na escola, formava jovens para serem futuros adultos responsáveis e aptos para fazer a diferença na sociedade.

E esse controle surge pelos vários momentos políticos que o Brasil ia vivendo: militarismo, democratização, autoritarismo, etc. Acredito que o governo e a escola pensavam que se cada um vestisse o que quisesse e fizesse o que queria fazer, a nação ficaria em completa desordem.

Fazendo uma comparação com os dias atuais, ainda observamos muito desse controle do corpo: os fardamentos por mais modernos que sejam, e não havendo a obrigatoriedade da vestimenta completa em algumas escolas, ainda é preciso o uniforme para saber a qual instituição o aluno pertence, identificar os valores e tradições do emblema estampado na camiseta. Lugares formais exigem roupas formais e descentes, continua o monitoramento do corpo e do vestir da nossa própria parte. Parece que algumas coisas ainda não mudaram.

No colégio Estadual da Prata as ideias disseminadas pelos militares eram colocadas em prática. Podemos ver isso através das regras que a escola ditava sobre o uniforme; o comportamento fora da escola quando os estudantes estivessem em seus lugares de lazer; o uso do espaço escolar que era sempre fiscalizado por um inspetor; entre outras formas de controle.

Ao final fica a reflexão de que mesmo sabendo que o uniforme é símbolo de disciplina, e que foi usado para definir a identidade da escola e velar o corpo do aluno, será que esses alunos entenderam essa vestimenta como reguladora do poder coercitivo. Para eles incomodava usar o uniforme, será que eles entendiam todos esses significados ou era só mais uma roupa que servia para não “gastar” as que eram usadas em seu cotidiano.

Podemos supor que para muitos, o uniforme pode ser visto pelo lado prático de já existir uma roupa específica e que não precisava perder tempo procurando uma roupa para estudar. A certeza que fica é que muito ainda precisa ser estudado, pesquisado e escrito sobre como esses jovens se identificavam e qual a representação que essa vestimenta tinha para eles.

ABSTRACT

This article analyzes the school uniform as an instrument to understand school culture, such as the senses of discipline and standardization, its practices and representations. This school garment, in its appearance, looked more like military clothing than current school fashion conceptions, and over time, as historical events changed, that garment gained new molds and meanings, which help us through the days of today to understand the school universe and how the student interprets this dress. In the State College the forms of disciplinarization are analyzed, that are perceived not only in the use of the uniform, but also in the figure of the inspector who supervised students and teachers; and school festivities.

Key words: School uniform; Discipline; Clothing.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, de Lanny Thaisy. **MEMÓRIA E COTIDIANO ESCOLAR: O COLÉGIO ESTADUAL DE CAMPINA GRANDE (1968-1978)**. Programa de Pós-Graduação em História. (Dissertação de Mestrado). UFCG. Campina Grande-PB. 2011.

BECK, Quesada Dinah. **UNIFORMES ESCOLARES: DELINEANDO IDENTIDADES DE GÊNERO**. Revista HISTEDBR, n° 58, 2014.

COSTA, Kerin. **Quando o Uniforme Escolar não é o Limite: possibilidades de pertencimento e de transformações**. UTFPR. Medianeira. 2014.

JULIA, Dominique. **Cultura Escolar como Objeto Histórico**. Revista Brasileira de história da educação, n° 1, 2001.

LONZA, Furio. **História do Uniforme Escolar no Brasil**. Ministério da Cultura: Brasília, 2005.

MALLMANN, Maria Ivonete. **UNIFORMES ESCOLARES ENQUANTO PRODUTO DA INDÚSTRIA DA MODA: PARA ALÉM DA OBRIGATORIEDADE**. X Anped Sul, Florianópolis, 2014.

RIBEIRO, Ivanir; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. (orgs). **Das materialidades da escola: o uniforme escolar**. Educação e Pesquisa, São Paulo, 2012.

SCHEMES, Claudia; THON, Helena Ida. (orgs). **A moda européia e o uniforme escolar no Brasil**.

SCHEMES, Claudia; SILVA, Cristina Ennes da; ARAUJO, Denise Castilhos de. (orgs). **A resignificação do uniforme escolar na contemporaneidade: identidade e representação**. Cadernos do Tempo Presente, n°13. 2013.

SILVA, Vívica Melo da. **Por uma Formação da Juventude Campinense: o colégio “gigantão da prata” (1948-1962)**. (Tese de Doutorado). UFPB. João Pessoa - PB. 2014

SILVA, Katiene Nogueira da; CATANI, Denice Bárbara. **Fantasia da igualdade: uniformes escolares e democratização no Brasil**. Cadernos de História da Educação, nº 2, 2016.

Virtuais

<http://www.migalhas.com.br/>. Acessado em 10 de Junho de 2018, às 22h.

<http://resumosalunos.blogspot.com/>. Acessado em 10 de Junho de 2018, às 22h.

<http://cgretalhos.blogspot.com/>. Acessado em 12 de Junho de 2018, às 20h.

<http://www.colegioprata.xpg.com.br/>. Acessado em 13 de Junho de 2018, às 10h.

Documentais

Acervo do Colégio Estadual Dr. Elpídio de Almeida – Estadual da Prata.

Acervo do Jornal Diário da Borborema. Ano: 1970 Mês: Setembro.